

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## A superexploração no trabalho rural [Overexploitation in rural work]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	de Moraes Silva, Maria Aparecida
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-04 04:29:26
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/162463">http://hdl.handle.net/20.500.12424/162463</a>

# A superexploração no trabalho rural

Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva

“Sempre ao responderem o que desejam aos filhos, os pais, sobretudo, as mães, afirmam que o que mais querem é que eles não sejam trabalhadores rurais. Em geral, enquanto falam, elevam os olhos em direção ao céu, com as mãos postas, gesto que simboliza uma súplica a Deus!” Essa é uma das afirmações feitas na entrevista de Maria Aparecida de Moraes Silva que descreve as condições dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais e suas famílias.

Moraes Silva é professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNESP, socióloga e pesquisadora do CNPq. Mestre e doutora em Sociologia do Desenvolvimento na Université de Paris I (França), há 30 anos, desenvolve pesquisas sobre as temáticas relacionadas ao trabalho e trabalhadores rurais na região de Ribeirão Preto, considerada uma das mais ricas do País. Suas pesquisas versam sobre a dura realidade dos migrantes nordestinos e mineiros do Vale do Jequitinhonha/MG, das mulheres, dos assentados e trabalhadores rurais nos canaviais e cafezais dessa região. Em 2005, Maria Aparecida foi agraciada com o Prêmio Érico Vannucci Mendes, concedido pelo CNPq. A professora também possui várias publicações em revistas nacionais e internacionais. Seu livro, *Errantes do Fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999, recebeu a Menção Honrosa da Fundação Joaquim Nabuco. Atualmente, Maria Aparecida presta assessoria à Pastoral dos Migrantes e acompanha as audiências públicas chamadas pela Promotoria Pública para apurar as mortes de trabalhadores rurais por excesso de esforço nos canaviais paulistas. A entrevista foi concedida pela pesquisadora à *IHU On-Line*, por e-mail.

***IHU On-Line* - Quando o trabalho rural se torna precário? Quais as formas mais freqüentes de precariedade no trabalho rural?**

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - Na realidade, o trabalho rural, principalmente na região do interior paulista, sempre foi precário. A partir dos anos de 1990, a

superexploração da força de trabalho aumentou (e vem aumentando) e, além disso, é marcada pela terceirização e, até mesmo, pela escravização. Podemos dizer que esta situação se agravou com o processo de concentração da terra e a internacionalização dos capitais aplicados

no setor sucro-alcooleiro, sobretudo a partir dos últimos anos.

***IHU On-Line - Houve mudanças na forma de discutir o trabalho rural nestes novos tempos?***

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - Minhas reflexões têm procurado responder às questões levantadas pelo aumento da superexploração. Procuo definir este trabalho na sua essência, portanto priorizando o substantivo e não as adjetivações. Por exemplo, procuro evitar as expressões, a saber: trabalho precário, degradante, e assim por diante. Minha conclusão é a seguinte: teoricamente, trata-se de um trabalho livre porque não existe a venda do trabalhador, e sim da força de trabalho. No entanto, o contrato livre de trabalho e a inexistência das amarras escravagistas são insuficientes para definir este trabalho como livre. Primeiramente, em função do fato de que os trabalhadores são obrigados a aceitar as condições impostas sem opor resistência. Em casos contrários, são despedidos. Em segundo lugar, não há alternativas de trabalho, senão esta, para os milhares de migrantes do nordeste e norte de Minas Gerais que aportam aos canaviais paulistas todos os anos. São, na sua maioria, camponeses que foram expropriados em seus locais de origem, são tangidos pela fome e partem em busca de sobrevivência. De acordo com Amartya Sen<sup>2</sup>, somente podemos falar em

---

<sup>2</sup> **Amartya Sen** (1933): economista indiano. Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen "por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais". Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das ciências econômicas, pelas suas contribuições ao Welfare Economics. Autor do livro *Desenvolvimento com liberdade*, publicado em 2000. As idéias de Sen foram abordadas no **Ciclo**

liberdade, quando há, no mínimo duas alternativas para os indivíduos. Quando lhes resta apenas uma alternativa, não há, na realidade, liberdade e sim imposição e cerceamento da capacidade de decidir. Portanto, estes migrantes chegam em condições não-livres e não lhes resta outra saída, senão aceitar as imposições dos donos da terra e das usinas.

***IHU On-Line - A senhora pode traçar um mapa migratório da agricultura canavieira?***

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - Nos anos de 1960, 1970 e 1980, a maioria era dos migrantes constituída de mineiros do Vale do Jequitinhonha, baianos, paranaenses e outros estados do Nordeste. A partir da segunda metade da década de 1990, milhares de piauienses e maranhenses aportam aos canaviais paulistas. Muitos mineiros estão migrando para as usinas de Mato Grosso e Rio de Janeiro. O fato novo em São Paulo é a presença dos piauienses e maranhenses, desalojados de suas terras em função do avanço da sojicultura e da pecuária no cerrado de seus estados.

***IHU On-Line - Quais seriam as regiões mais problemáticas? A origem dos migrantes foram alteradas?***

---

**Repensando os Clássicos da Economia - Quarta com Cultura Unisinos**, em 12 de abril, pelo Prof. Dr. Flávio Vasconcellos Comim (UFRGS), e voltarão a debate em 2 de agosto de 2006 no **II Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**, na Unisinos. Para maiores detalhes, confira a entrevista concedida por Comim à edição 175, de 10 de abril de 2006, sob o título *Amartya Sen e uma nova ética para a economia*. O material está disponível para *download* na página [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu). (Nota da **IHU On-Line**)

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - As regiões de origem são as que concentram as populações mais pobres do País. Esta mudança da cartografia migratória se deve ao avanço do agronegócio nessas áreas, contribuindo para a expropriação de pequenos parceiros, sitiantes, enfim do campesinato.

**IHU On-Line - Quais suas impressões sobre as audiências públicas para apurar as mortes de trabalhadores rurais por excesso de esforço nos canaviais paulistas? Pode explicar melhor como elas funcionam e seus objetivos? Alguém é punido por essas mortes?**

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - No dia 29 de junho de 2006, houve a 14ª morte de trabalhadores supostamente por excesso de esforço nos canaviais paulistas. Em razão destes fatos, conseguimos mobilizar o Ministério Público, Ministério do Trabalho e ONGs ligadas aos direitos humanos a fim de apurar estas mortes. Nos últimos meses, houve 10 audiências públicas chamadas pela Procuradoria Geral da República, ONGs e Assembléia Legislativa do estado de São Paulo. O funcionamento dessas audiências tem sido precedido por entrevistas com os trabalhadores e visitas aos locais de moradia e trabalho. As audiências ocorreram em várias cidades do interior e também na capital. A elas compareceram estudantes, pesquisadores, trabalhadores, representantes sindicais, das instituições e também dos usineiros. Após os depoimentos das pessoas presentes, é feito um relatório e o encaminhamento de medidas a serem tomadas pelo Ministério Público, Ministério do Trabalho, Vigilância Sanitária e outros órgãos do governo. Nos sites da procuradoria Geral da República de

São Paulo, assim como da PRT 15 (Procuradoria Regional do Trabalho da 15ª região do Estado) há mais informações sobre as audiências e seus desdobramentos. O grande esforço da Procuradoria é provar que as mortes ocorreram em função do excesso de esforço, pois os trabalhadores são obrigados a cortar em torno de 12 toneladas de cana por dia. O trabalhador que faleceu no dia 29 de junho deste ano era piauiense, tinha 37 anos e sofreu enfarte. As usinas negam esta *causa mortis*, alegando que não há nexos causais entre a morte e o esforço despendido. Até agora, não houve punições, mas as averiguações continuam.

**IHU On-Line - Quais as conseqüências físicas dessa intensificação do trabalho nos canaviais?**

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - Além das mortes, há muitas doenças, a saber: respiratórias em função de a fuligem da cana ser aspirada diretamente no momento do corte, doenças na coluna, como hérnia de disco, tendinites, desgastes ocasionados em função da curvatura do corpo e do número de golpes de facão diários: 9.700 a cada 10 toneladas cortadas. A vida útil de um cortador de cana é de no máximo 15 anos, enquanto a do escravo no Brasil era de 10 anos!

**IHU On-Line - No livro *A luta pela terra, experiência e memória* a senhora desconstrói a imagem negativa do grupo dos sem-terra. Como a senhora faz essa desconstrução? Que aspectos são levados em conta?**

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - Neste livro, os sujeitos são mulheres e homens que lutaram por um pedaço de chão. Meu esforço foi no sentido de revelar suas trajetórias de andanças, perdas, sofrimentos,

que culminaram na luta pela terra. Com isso, as imagens revelam histórias de vítimas e não de bandidos, retratadas, em geral, pela mídia.

***IHU On-Line* - Quais são as interfaces entre a questão agrária, a questão ambiental e a questão econômica?**

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - Não é possível tratar estas questões separadamente. Além deste capitalismo ser predador em relação ao meio ambiente, ele também mutila e pode matar as pessoas. No tocante às queimadas de cana, há vários estudos de químicos que mostram que os gases expelidos contêm resquícios de agrotóxicos, extremamente prejudiciais à saúde não somente dos trabalhadores como também das pessoas das cidades, que, durante 8 meses do ano, são cobertas pelas fumaças. Outro problema se reporta aos lençóis freáticos, contaminados por venenos e pelo vinhoto<sup>3</sup> lançado à terra, após o corte, como fertilizante.

***IHU On-Line* - Como ficam as famílias desses trabalhadores rurais? Mulheres e filhos? Como poderia ser definida sua rotina?**

---

<sup>3</sup> **Vinhoto** ou vinhaça é o resíduo pastoso e malcheiroso que sobra após a destilação fracionada do caldo de cana-de-açúcar (garapa), para a obtenção do etanol (álcool etílico). Quando jogado nos rios constitui uma séria fonte de poluição. Pode, no entanto, ser aproveitado como fertilizante ou na produção de biogás. (Nota da *IHU On-Line*)

**Maria Aparecida de Moraes Silva** - As famílias dos migrantes, em geral, não se dirigem a esta região. Ficam em seus locais de origem, à espera dos minguados salários do pai ou do irmão que migraram. No Jequitinhonha, as mulheres são conhecidas como viúvas de maridos vivos, pois o tempo de migração dura em torno de oito meses ou, às vezes, até mais. Quanto aos trabalhadores locais que vivem nas chamadas cidades dormitório da região, muitas mulheres não encontram trabalho no campo, pois a preferência é por jovens migrantes, que se empregam na colheita da laranja, do café ou em serviços domésticos. Muitas delas estão mutiladas em razão do trabalho na cana. Outras sobrevivem graças à assistência social e à solidariedade dos vizinhos e parentes. Quanto aos filhos de trabalhadores locais, muitos não encontram emprego, muitos se destinam ao tráfico de drogas, o que contribui para o aumento dos índices de violência e criminalidade. Entre estes jovens, a desesperança vivenciada pelos pais é transmitida como herança. Assim, inexistente a ética do trabalho, isto é, deste trabalho, transmitida aos filhos, como valor. Sempre ao responderem o que desejam aos filhos, os pais, sobretudo, as mães, afirmam que o que mais querem é que eles não sejam trabalhadores rurais. Em geral, enquanto falam, elevam os olhos em direção ao céu, com as mãos postas, gesto que simboliza uma súplica a Deus! Acredito que este gesto, que tive oportunidade de ver muitas vezes ao longo de minhas pesquisas, é o não-dito, que, na verdade, tudo diz sobre a realidade dos trabalhadores nesta região, considerada uma das mais ricas do País.